

RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NA PERCEPÇÃO DE EDUCADORES-FORMADORES E COORDENADORES PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

*Marcia Cristina Argenti Perez**, *Caroline de Souza Araújo***

RESUMO

Sendo escola e família instituições com formas de ensino diferentes, porém com objetivos semelhantes no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, nota-se a necessidade de aproximação entre elas. O objetivo deste artigo é apresentar as percepções de educadores-formadores e coordenadores pedagógicos da educação infantil de uma rede municipal de ensino acerca das funções da família e sobre a importância da relação escola-família. Para isso, contou com a aplicação de questionários em um grupo de estudos e a análise desses dados com base no conceito de unidades significativas da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Os resultados nos mostram que, apesar de haver avanços na compreensão da importância da relação, ainda há alguns pontos a serem enfrentados em prol da organização das práticas pedagógicas com as crianças em ambas as instituições. Além disso, percebe-se a necessidade de aproximação também entre os níveis da educação dentro da própria rede de ensino para que alinhem suas similaridades, amenizando a forte ruptura de um nível para outro e a culpabilização das fragilidades formativas da criança direcionadas ao grupo familiar ou ao outro nível de escolarização frequentado.

Palavras-chave: Relação escola-família. Educação infantil. Formação continuada. Ensino fundamental.

* Doutora e mestra em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). ORCID: 0000-0002-4173-9923. Correio eletrônico: marcia.argenti@unesp.br

** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pesquisadora-estudante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE). ORCID: 0000-0002-1485-3157. Correio eletrônico: carolineds_@hotmail.com

SCHOOL-FAMILY RELATIONSHIP IN THE PERCEPTION OF
PEDAGOGICAL TRAINERS AND COORDINATORS OF CHILDHOOD
EDUCATION ON A COUNTY'S TEACHING NETWORK

ABSTRACT

School and family are institutions with different ways of teaching, however with similar objectives regarding the child's development, it is perceptible the need for approximation among them. This article aims to present the perceptions of educator-trainers and coordinators of Childhood Education on a county's teaching network about the family role and the importance of school-family relationship. In order to achieve this, questionnaires were applied to these professionals on a study group and the data obtained were analyzed based on the concept of significant units from Bardin (2016). The results show us that despite the advances in the understanding importance of this relationship, there are still some points to be faced on behalf of organizing pedagogical practices with children in both institutions. In addition, it is perceptible the need for approximation among educational levels in teaching network, so that they align their similarities, diminishing the sharp break from one level to another and on the blaming on the child's teaching weaknesses directed to the familiar group or to another educational level attended.

Keywords: School-family relationship. Childhood education. Continuous education. Elementary school.

RELACIÓN ESCUELA-FAMILIA EN LA PERCEPCIÓN DE
EDUCADORES- FORMADORES Y COORDINADORES PEDAGÓGICOS DE
EDUCACIÓN INFANTIL EN UNA RED DE EDUCACIÓN MUNICIPAL

RESUMEN

Dado que la escuela y la familia son instituciones con diferentes formas de enseñanza, pero con objetivos similares en lo que respecta al desarrollo infantil, es necesario acercarlos. El objetivo de este artículo es presentar las percepciones de los educadores Educadores-formadores y Coordinadores Pedagógicos de Educación Infantil de una red de educación municipal sobre las funciones de la familia y la importancia de la relación escuela-familia. Para ello, se contó con la aplicación de cuestionarios en un grupo de estudios y el análisis de estos datos, con base en el concepto de unidades significativas de Análisis de Contenido de Bardin (2016). Los resultados nos muestran que, a pesar de los avances en la comprensión de la importancia de la relación, aún quedan algunos puntos por enfrentar a favor de la organización de prácticas pedagógicas con niños en ambas instituciones. Además, existe la necesidad de acercar los niveles de educación dentro de la propia red educativa, para que alineen sus similitudes, suavizando la fuerte ruptura de un nivel a otro y culpando a las debilidades formativas del niño dirigidas al grupo familiar o al otro nivel de escolaridad asistido.

Palabras clave: *Relación escuela-familia. Educación infantil. Educación continua. Enseñanza fundamental.*

1 INTRODUÇÃO

A escola e a família constituem instituições diferentes, com formas de ensino díspares, mas com objetivos em comum no que diz respeito às crianças e ao seu desenvolvimento. Souza e Perez (2019) pontuam que ambas são responsáveis pela transmissão de conteúdos culturais já existentes na sociedade, para que assim as crianças se integrem a tal estrutura social.

Ressaltamos que são díspares porque ambas ensinam as crianças; entretanto, a escola assume um caráter sistematizado que a família não possui. A família ensina constantemente, de forma que a criança já chega à escola sabendo diversas coisas. A escola, por sua vez, tem como função dar continuidade a estes aprendizados adquiridos a partir dos conhecimentos científicos, e estes devem ser trabalhados por pessoas específicas, tendo sido previamente planejados e aplicados em momento propício, de acordo com Perez (2009).

Mantendo em vista a busca de ambas por um bom desenvolvimento e aprendizado das crianças, afirmamos a necessidade de que essas instituições se aproximem para que pensem juntas em formas de agir em direção a este propósito.

Consideramos importante, para debater a relação entre escola e família, conhecer as percepções de educadores que estão à frente do ensino sistematizado, pois são estas percepções que embasam suas práticas.

Assim, o presente artigo tem por objetivo identificar as percepções de educadores-formadores (responsáveis pela formação continuada) e coordenadores pedagógicos da educação infantil de uma rede municipal de ensino acerca das funções da família, bem como da importância da relação entre a escola e a família no contexto da educação infantil.

O estudo foi realizado no contexto de uma pesquisa-ação intitulada *Morada das infâncias: estudo e formação nas temáticas infância, docência e práticas pedagógicas*, desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE-UNESP-CNPq), na Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), *campus* de Araraquara (SP), sob a coordenação da professora doutora Marcia Cristina Argenti Perez. A referida pesquisa envolve a realização de um grupo de estudos entre pesquisadores do GEPIFE e educadores responsáveis pela coordenação pedagógica e pela formação continuada dos docentes no âmbito da educação infantil e do ensino fundamental de uma rede pública municipal de ensino de uma cidade de médio porte, localizada no interior do estado de São Paulo. Dentre as atividades da pesquisa-ação, o grupo de estudos realizava encontros quinzenais temáticos e com diferentes propostas metodológicas para o desenvolvimento do estudo. Dentre as atividades, destacamos a exibição de documentários, leituras de textos científicos, roda de conversa, problematização de situações vivenciadas na realidade escolar, sistematização de textos com as reflexões do grupo, instrumentalização dos educadores para desdobramentos de ações educativas nas atividades profissionais, assessoria aos projetos formativos desenvolvidos pela equipe de formação continuada. O grupo de educadores é constituído

por 8 coordenadores pedagógicos da educação infantil, 14 coordenadores do ensino fundamental, 5 educadores-formadores da educação infantil e 5 educadores-formadores do ensino fundamental, responsáveis pelas ações de formação continuada da rede de ensino municipal.

Para a realização da presente pesquisa, foi realizado um recorte de um dos encontros da pesquisa-ação do GEPIFE que apresentou a temática “Relação Escola-Família na Educação Infantil e no Ensino Fundamental”. Neste encontro, os participantes presentes responderam a um questionário antes das atividades de estudo. Selecionamos, neste recorte, apenas as repostas de questionários dos educadores-formadores e coordenadores pedagógicos da educação infantil, sendo eles 6 coordenadores pedagógicos e 3 educadores-formadores.

Justifica-se este estudo porque ele se propõe a identificar os posicionamentos dos profissionais da educação sobre a formação da criança e a analisar a emergência de repensar algumas práticas realizadas, bem como aproximar a escola à família, visando buscar melhorias no desenvolvimento de atividades para as crianças.

Como ressaltam os estudos de Tancredi e Reali (2001, p. 34),

Uma das possibilidades para se estudar o tema da relação família-escola é conhecer as concepções de professores a respeito das famílias de seus alunos. Nesse sentido, pesquisa realizada com professores da educação infantil em uma escola do interior paulista sugere um desconhecimento, por parte dos professores, das características das famílias atendidas, ou uma imagem estereotipada das mesmas, uma vez que as descrições feitas estão carregadas de conotações negativas e preconceituosas.

Neste contexto, o presente estudo almeja trazer contribuições para o reconhecimento sobre a complexidade do estabelecimento da relação entre escola e família, como também para a diminuição da culpabilização entre essas instituições.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e conta com estudos bibliográficos apoiados em estudiosos sobre a relação escola-família, com ênfase na educação infantil e também com estudo empírico. A parte empírica da pesquisa foi realizada por meio de um questionário aplicado em um dos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE-UNESP-CNPq). Foi escolhido o método de questionário, porque, como a coleta aconteceria dentro de um encontro do grupo de estudos, precisávamos identificar as percepções dos profissionais previamente ao estudo sobre a temática, para que não influenciássemos suas respostas.

Os questionários selecionados para análise foram os de 6 coordenadores pedagógicos e 3 educadores-formadores, todos profissionais da educação infantil de uma rede municipal de ensino.

O questionário aplicado era constituído de uma caracterização geral de identificação do nível de atuação do profissional e de sua função. As perguntas apresentadas eram as seguintes: a) Qual(is) a(s) finalidade(s) da Família na

Educação da criança?; b) Na sua experiência profissional, como você explica o termo “Família desestruturada”?; c) Explique como é a relação Escola-Família na Educação Infantil. Qual(is) dinâmica(s), demanda(s) e finalidade(s)?; d) Explique como é a relação Escola-Família no Ensino Fundamental. Qual(is) dinâmica(s), demanda(s) e finalidade(s)?

Os dados coletados foram analisados por meio do conceito de categoria (unidades significativas) da Análise de Conteúdo de Bardin (2016).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A família e a escola como instituições socializadoras

O primeiro grupo com o qual a criança tem contato é a família. Neste ambiente são transmitidos conteúdos culturais a todo instante, mesmo que os responsáveis não tenham consciência disso. Porém, o que é ensinado representa um reflexo da sociedade na qual estão inseridos os costumes e práticas daquele determinado local e daquelas pessoas, conforme explica Cordeiro (2018). Ou seja, não existe apenas família, mas famílias. Elas são plurais; possuem suas especificidades e diferentes histórias para que se configurem da forma como são.

Não é a constituição da família ou a sua configuração que determinará a formação da criança, mas sim o amor, o afeto e a proteção recebidos. As famílias devem ser, portanto, percebidas para além de padrões idealizados, a partir das funções que lhes são atribuídas, independentemente da forma como se apresentam.

Gomes (1994) explica que a socialização em nível primário é aquela realizada pela família. Trata-se da transformação do homem, como ser biológico que é, em um ser social típico, de um gênero, classe, bairro, região, país, entre outras especificidades que o tornam parte de determinada sociedade. A autora ainda afirma que

A família transmite às novas gerações, especialmente à criança, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes, um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhes são próprios, naturais. Não bastasse tudo isso, ela ainda promove a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade. Deriva disso a enorme importância da família tendo em vista a vida futura de cada criança: ela, a família, constrói os alicerces do adulto futuro. (GOMES, 1994, p. 58).

Indo na mesma direção, Kissmann (2014) afirma que a família tem como responsabilidade se ocupar da formação da criança, no sentido de proporcionar conhecimento de seu lugar no mundo, perceber-se e espelhar-se, ou seja, a sua responsabilidade está em proporcionar a socialização, condições básicas de sobrevivência e desenvolvimento social.

É correto dizer, segundo Gomes (1994), que socializar uma criança no mundo não é uma tarefa simples, pois “[...] a criança reage, e não se submete com docilidade à socialização. Tornando, assim, ainda mais árdua essa tarefa em si mesma já tão complicada.” (GOMES, 1994, p. 58). Isto se deve, principalmente, ao fato de

que as pessoas responsáveis pela educação familiar não recebem um preparo prévio para a realização desta tarefa, de forma que agem e socializam os demais indivíduos com base naquilo que vivenciaram, em suas próprias experiências de socialização, em sua própria infância e suas particularidades.

A escola deve ser entendida, segundo Cordeiro (2018), como uma instituição que realiza a mediação entre o sujeito e a sociedade, mas, ao mesmo tempo, serve aos interesses dos dominantes. Isto explica por que, às vezes, é tão difícil que a criança se adapte ao ambiente escolar e ao que lhe é ensinado. Quando os conteúdos não apresentam nenhuma similaridade com a sua realidade, é mais difícil, de acordo com Gomes (1993), que a adaptação aconteça. Paro (2000) afirma que os próprios professores acreditam que o estudo deve aparecer para a criança como algo motivador e que os pais devem ajudar para que isso aconteça, demonstrando interesse por aquilo que o filho faz na escola, olhando os cadernos, perguntando e elogiando. Entretanto, o autor ressalta que, muitas vezes, os professores, apesar de considerarem a importância do apoio das famílias, não enxergam que também eles devem estimular e motivar seus alunos.

Nas considerações de Perez (2008, p. 14),

Ao analisarmos a educação da criança, na família e na escola, é possível arrolarmos algumas diferenciações que a literatura relata quanto às práticas educativas que cada uma dessas instituições exerce. Dentre elas podemos mencionar:

- na família as práticas educativas são desenvolvidas no cotidiano e, na escola, configura-se uma intensa programação de procedimentos e atividades elaboradas, segundo diretrizes educacionais, planejadas *a priori*;
- a aprendizagem da criança, na instituição familiar, faz-se na relação com os membros do grupo doméstico. Entretanto, na escola, essa aprendizagem envolve momentos programados com pessoas específicas (professores, grupo da sala de aula, funcionários).

Tendo em vista estes conceitos brevemente apresentados, é possível notar a amplitude do trabalho docente. O trabalho do professor abrange, conforme Tardif (2009), relações humanas. As pessoas envolvidas não são meio ou finalidade do trabalho, mas a “matéria-prima” deste processo e o desafio primeiro do profissional. Assim, percebe-se a necessidade de formação específica e de ter conhecimentos abstratos, pois seu trabalho se baseia em conceitos complexos que trazem determinadas posturas em diferentes situações de trabalho que eles deveriam assumir (TARDIF, 2009).

Desta forma, podemos dizer que o trabalho docente se inicia muito antes da sala de aula e depende de inúmeros fatores e relações dentro desta, para que se concretize de forma efetiva. Além de todos esses pontos, o que mais é necessário para que a prática do professor tenha eficácia no processo de aprendizagem da criança?

A criança é uma produtora de cultura, à sua maneira. De acordo com Kramer (2007), as crianças produzem cultura e são, ao mesmo tempo, produzidas na cultura em que se inserem.

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não

se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. (KRAMER, 2007, p. 15).

Esta cultura produzida pelas crianças acontece por meio do brincar. É brincando que são recriados e ressignificados os costumes e hábitos do local e do tempo em que determinada criança vive. Cabe, então, ao professor saber valorizar esta forma de criação de cultura e proporcionar espaços e momentos para que as crianças a produzam.

Neste ponto, deparamo-nos com um questionamento fundamental: estariam estes espaços e momentos, de fato, sendo proporcionados? Esta questão nos aparece porque vemos, fortemente, uma tendência de se buscar o desempenho do aluno por meio das notas, de padronização de seus comportamentos e suas ações de acordo com tudo o que acontece no meio escolar. Lahire (1997) e Perez (2007) pontuam que há na escola uma busca pela padronização de comportamentos, em que se espera que a criança se adapte à escola e a seu sistema. Desta forma, cabe-nos pensar onde fica o brincar neste caso, uma vez que vemos uma explícita ruptura entre a teoria e as práticas dos educadores no interior do ambiente institucionalizado.

A criança, de seu ponto de vista, não enxerga esta ruptura assim que termina o primeiro nível da educação básica, conforme aponta Kramer (2007). Esta separação entre os níveis e as práticas neles realizadas é efetivada pelos adultos, que deixam de considerar aquilo que poderia articular ambas as etapas: a experiência com a cultura.

Segundo Kramer (2007), a escola tem, em si própria, suas especificidades e seus objetivos, mas também há de se considerar o que é essencial: conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. Ademais, ressalta que o trabalho pedagógico deve levar em consideração as singularidades da infância e “[...] o direito à brincadeira, à produção cultural.” (KRAMER, 2007, p. 20).

Após considerarmos estas questões, ainda é preciso pensar que, na busca pela padronização das ações das crianças na escola, quando esta não é atingida, a culpa recai sobre a família, alegando-se que o ambiente familiar da criança é pouco estimulante no que diz respeito aos estudos. Entretanto, isto seria injusto com as famílias. De acordo com estudos (LAHIRE, 1997; PEREZ, 2007), os familiares não somente reconhecem a importância da escola, como também a consideram uma forma de ascensão social, enxergando nela a possibilidade de dar aos filhos aquilo que não tiveram. Para tanto, esforçam-se exacerbadamente para conseguir manter os filhos na escola.

É notável que as relações no ambiente escolar se façam muito presentes em diversas situações, de forma que a escola cada vez mais necessita da proximidade da família para pensar em novas ações pedagógicas, bem como a família precisa da escola para poder dar continuidade ao que é ensinado e, de outras formas, também ajudar no desenvolvimento da criança. Assim, vimos que, apesar de serem frequentes as oscilações na relação entre essas duas instituições, ela se faz necessária.

4 PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES-FORMADORES E COORDENADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por meio dos questionários aplicados, buscamos identificar, em primeiro lugar, qual a percepção de família existente dentre os educadores-formadores e coordenadores pedagógicos da educação infantil, para, somente então, identificar a percepção destes profissionais acerca da relação escola-família na instituição de educação infantil.

O quadro abaixo mostra a transcrição na íntegra das falas dos coordenadores pedagógicos da educação infantil sobre suas percepções acerca das finalidades da família e sobre a relação escola-família na instituição de educação infantil, respectivamente.

Quadro 1 – Percepções dos coordenadores pedagógicos sobre as finalidades da família

Percepções dos coordenadores pedagógicos (C.P.) sobre as finalidades da família	
C.P. 1	A família exerce função muito importante na educação das crianças, apresenta suas crenças, valores, concepções em relação à sociedade, como também transmite sua cultura no cotidiano das relações.
C.P. 2	A família é um dos pilares que sustentam e corroboram a educação da criança.
C.P. 3	São muitas as expectativas sobre a família na educação da criança. Expectativas e também compromissos se considerarmos os documentos legais. Do ponto de vista das minhas expectativas, entendo por finalidade da família a promoção do cuidado, da afetividade, assim como de conhecimento cultural e moral daquela constituição familiar.
C.P. 4	A família pode ser parceira da escola. Aliás, é uma parceria de fundamental importância, pois a família e a escola se completam para uma educação integral de qualidade. Mas cada uma delas tem o seu papel, que pode ser potencializado se forem complementares, porém são distintos.
C.P. 5	A parceria família e escola é essencial na construção do desenvolvimento, porém a escola não deve esperar que a família realize seu papel, e sim cumpra o que lhe é de dever, visando ao melhor para o aluno.
C.P. 6	A família é uma parceira, onde escola e família tem cada um seu papel. Essa parceria traz muitos benefícios e avanços; porém, a escola não pode ficar esperando que sempre aconteça e ficar pautada nisso como “não dá pra fazer”, culpabilizando e achando que o aluno não vai aprender por isso.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 2 – Percepções dos coordenadores pedagógicos sobre a relação escola-família

Percepções dos coordenadores pedagógicos sobre a relação escola-família	
C.P. 1	A relação é muitas vezes marcada por aspectos relacionados ao cuidar, “cobranças” tanto por parte da família como da escola. Há necessidade de que ambas compreendam a importância de parceria para que o cuidar e o educar (desenvolvimento integral) ocorram.
C.P. 2	Como estamos no início do processo, na maioria das vezes a família foca o cuidar e vê o educador/professor como um cuidador. Essa relação em que se trata do professor acaba por “fragilizar”. Mas, no geral, observo que é uma relação amigável e até de parceria. A dinâmica e a finalidade é orientar essas famílias que somos escola, fazemos parte desse processo de ensino-aprendizagem. E a dinâmica é tornar a relação mais tranquila possível, visando à criança.
C.P. 3	Essa relação é muito díspar se considerarmos as peculiaridades de cada escola. Há claramente uma diferença nesta relação pensando no posicionamento dos diretores de escola que irradia para toda a equipe. No entanto, de modo geral, há uma tensão muito grande na perspectiva de transferência de responsabilidades de ambas as partes.
C.P. 4	Penso que a Educação Infantil consegue ter uma aproximação maior dos familiares, comparando-a a outras etapas da Educação Básica. O relacionamento é mais próximo, pois os familiares entregam e buscam o aluno diretamente com o educador, sendo esses momentos mais propícios ao diálogo. Acredito que a demanda maior é a da família e sociedade em geral não pensar a escola como um ambiente assistencialista, e sim de aprendizagens, ensino e desenvolvimento no qual o cuidar e o educar são indissociáveis. Outra demanda é que Educação Infantil não é preparatória para outras etapas, que possuem suas especificidades.

(continuação Quadro 1)

Percepções dos coordenadores pedagógicos sobre a relação escola-família	
C.P. 5	Essa relação escola-família é de extrema importância na educação infantil, porém tenho observado uma dificuldade imensa de ambas compreenderem a dimensão dessa parceria. A escola (como grupo) deve pensar em alternativas para trazer essa família, como reuniões, etc.
C.P. 6	É uma relação complexa, tendo muitas expectativas dos dois lados, muitas vezes, desvalorização ou cobranças excessivas. O acolhimento e o trazer a família para a escola é muito importante e facilita as ações educativas. A maior parte das famílias deposita expectativas boas em relação à aprendizagem das crianças.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quanto aos educadores-formadores, suas percepções quanto às finalidades da família e sobre a relação escola-família foram assim colocadas por eles:

Quadro 3 – Percepções dos formadores sobre as finalidades da família

Percepções dos educadores-formadores (E.F.) sobre as finalidades da família	
E.F. 1	A família é a instituição responsável de educar e cuidar das crianças, contribuindo assim para o processo de humanização, respeitando e proporcionando uma infância feliz.
E.F. 2	Acredito que a família é a primeira a colocar a criança em contato com a educação. Essa educação que apresenta o mundo para a criança, a comunicação, regras de convivência e os relacionamentos, o afeto, o brincar.
E.F. 3	A família é o alicerce na educação e formação da criança. Ela (família) é o exemplo, o modelo, o incentivo, assim como também a desestimulação na vida de uma criança. Portanto, a sua conduta (família) perante aos “parceiros” da educação escolar é fundamental para o desenvolvimento integral do seu membro familiar. A família se constitui através de um grupo de pessoas que têm por finalidade cuidar, educar, ensinar, amparar e modificar em seu meio social. Porém, esse grupo social precisa e deve se envolver com outros grupos sociais na tentativa de oportunizar escola, educação, saúde, higiene, religião, afetividade, segurança, ou seja, moralidade.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 4 – Percepções dos formadores sobre a relação escola-família

Percepções dos educadores-formadores (E.F.) sobre a relação escola-família	
E.F. 1	Escola e Família na Educação Infantil são duas instituições responsáveis pelo processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, que deveriam ter relação de parceria, mas infelizmente na prática não acontece. Acaba uma instituição apontando responsabilidade para outra e nenhuma instituição está aberta para trabalhar conjuntamente.
E.F. 2	Faz um tempo que não analiso esta dinâmica de perto, porém sinto que temos muito a caminhar para de fato estabelecer uma relação família-escola que vá além de reunião de pais ou festas. Lembro como é difícil colocar os pais para atuarem na escola, um bom exemplo são os Conselhos, são poucos que querem participar.
E.F. 3	Enquanto atuava no chão da escola, a relação escola-família sempre foi correspondida. É claro que eventuais problemas de difíceis resoluções ocorreram, mas com diálogos e persistências esses possíveis casos foram solucionados a curto ou médio tempo. Tudo depende de como a escola acolhe a família para que esta faça “parte” da equipe.

Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir da análise, podemos perceber que os educadores-formadores e coordenadores pedagógicos da educação infantil entendem a família como instituição responsável por apresentar à criança os valores, as crenças, as percepções em relação à sociedade, os costumes e práticas. Compreendem-na como a transmissora da cultura, além de provedora do cuidado e do afeto. Vemos, assim, que a percepção sobre a função da família está esclarecida para estes profissionais, uma vez que suas ideias condizem com as afirmações de Kissmann (2014), de que a família tem por responsabilidade se ocupar da formação da criança no que diz respeito ao reconhecimento de seu lugar no mundo, sua percepção de si mesmo e

algo em que se espelhar. A autora ressalta que a família tem a responsabilidade de socializar a criança e proporcionar a ela as condições básicas de sobrevivência e desenvolvimento social.

Notamos também que compreendem a importância da relação entre escola e família para que a educação e o desenvolvimento da criança aconteçam integralmente. Os profissionais têm a percepção de que, sozinha, nenhuma das instituições é capaz de suprir tudo o que é necessário para educar as crianças. Isto se torna claro principalmente quando o coordenador pedagógico 4 aponta que cada instituição tem o seu papel e que este pode ser potencializado a partir da junção de ambas as instituições para a realização do trabalho.

A família pode ser parceira da escola. Aliás, é uma parceria de fundamental importância, pois a família e a escola se completam para uma educação integral de qualidade. Mas cada uma delas tem o seu papel, que pode ser potencializado se forem complementares, porém são distintos. (COORDENADOR PEDAGÓGICO 4, Educação Infantil, 2019).

Além disso, a partir desta colocação, é possível que reflitamos sobre a necessidade da continuidade dos conteúdos familiares na escola, entendendo estes conteúdos como todo conhecimento do cotidiano aprendido através da família de forma direta ou até indireta, ou seja, a importância de não se negligenciar a bagagem trazida pelas crianças. Vale ressaltar que, para que se complementem, é preciso que os assuntos tratados se completem e estejam entrelaçados para que tragam sentido e significado para a criança. A adaptação da criança no ambiente escolar depende desta continuidade, que deve ocorrer, segundo Souza e Perez (2019), sem causar grandes impactos de ruptura entre a educação informal e a educação formal, pois, como explica Gomes (1993), se não houver semelhanças entre estes dois processos educativos, o estranhamento causado na criança a impede de se adaptar e, conseqüentemente, de se desenvolver.

Um dos coordenadores ressalta que, apesar de a relação entre a escola e a família trazer avanços e benefícios, a escola não deve contar com essa participação em todo momento, estagnando seu trabalho e culpabilizando a família pelo não acontecimento dos resultados esperados.

A família é uma parceira, onde escola e família tem cada um seu papel. Essa parceria traz muitos benefícios e avanços; porém, a escola não pode ficar esperando que sempre aconteça e ficar pautada nisso como “não dá pra fazer”, culpabilizando e achando que o aluno não vai aprender por isso. (COORDENADOR PEDAGÓGICO 6, Educação Infantil, 2019).

As duas colocações expostas acima nos mostram a compreensão de que escola e família possuem funções diferentes. Kissmann (2014) aponta como função da escola a complementação da formação da criança, seu desenvolvimento como aluno - a escola é responsável por proporcionar a informação. Ainda é necessário ressaltar que as relações entre essas instituições “[...] devem ser pautadas nos valores morais, éticos e de respeito às peculiaridades de cada grupo, bem como almejar o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.” (KISSMANN, 2014, p. 10).

Desse modo, a colocação do coordenador pedagógico 6 nos leva a uma reflexão que vai ao encontro do excerto exposto, de que, para esperar algo de uma das instituições, a outra deve reconhecer suas especificidades e limitações. Ou seja, o coordenador deixa claro que entende que nem sempre a família conseguirá cumprir as expectativas da escola, entretanto isso não deve se tornar uma justificativa para a estagnação do trabalho. A escola deve cumprir o seu dever, visando ao desenvolvimento do aluno. Tal percepção também se mostra presente no coordenador pedagógico 5: “A parceria família e escola é essencial na construção do desenvolvimento, porém a escola não deve esperar que a família realize seu papel, e sim cumpra o que lhe é de dever, visando ao melhor para o aluno.” (COORDENADOR PEDAGÓGICO 5, Educação Infantil, 2019).

Assim, considerando a afirmação de Kissmann (2014) de que as relações entre a escola e a família devem estar pautadas no respeito e conhecimento mútuo sobre cada uma, além do desejo de desenvolvimento dos indivíduos envolvidos, chegamos à reflexão de que, para que a relação escola-família se dê efetivamente, é necessário que unam seu objetivo em comum, que é o desenvolvimento pleno da criança, para enfrentarem as dificuldades e desafios presentes no processo de educação (SOUZA; PEREZ, 2019).

A partir destas considerações, analisamos as percepções dos educadores-formadores e coordenadores pedagógicos sobre como se dá a relação escola-família na instituição de educação infantil.

Os profissionais apontam que, na educação infantil, esta relação ainda ocorre com certas dificuldades, apesar de já apresentar-se melhor do que costumava ser. Isto porque, segundo eles, a relação ainda é muito pautada em cobranças de uma para com a outra, de forma que passa a haver transferência de responsabilidades e, conseqüentemente, a culpabilização entre elas. Também afirmam que a visão que os pais costumam ter do educador apenas como um cuidador acaba fragilizando os profissionais. Estas informações vão ao encontro dos resultados apresentados por Souza e Perez (2019), em que educadoras da educação infantil percebem que a criança é deixada cada vez mais como uma responsabilidade da escola; essas profissionais, por sua vez, acabam se sentindo desvalorizadas por serem consideradas, frequentemente, como babás.

Entretanto, os educadores-formadores e coordenadores não deixam de destacar que há, também, o lado positivo que já ocorre nesta relação. O principal ponto colocado foi a respeito da fácil e acessível aproximação entre pais e educadores nesta etapa da educação.

Penso que a Educação Infantil consegue ter uma aproximação maior dos familiares, comparando-a a outras etapas da Educação Básica. O relacionamento é mais próximo, pois os familiares entregam e buscam o aluno diretamente com o educador, sendo esses momentos mais propícios ao diálogo. (COORDENADOR PEDAGÓGICO 4, Educação Infantil, 2019).

Esta colocação vai ao encontro do que Perez (2012) apresenta como oportunidades de estabelecimento da relação entre escola e família, principalmente na educação infantil, uma vez que a adaptação tanto das crianças quanto dos pais demanda um período considerável. Assim, estes momentos informais são impor-

tantes para a troca de informações, orientações e explicações sobre o que se realiza no ambiente escolar.

Como demandas para esta relação neste nível da educação, os profissionais apontaram que seria necessário que os pais passassem a enxergar a instituição de educação infantil como um local de ensino, aprendizagem e desenvolvimento e que compreendessem que ela tem finalidades em si própria, não sendo, portanto, preparatória para os níveis seguintes.

Acredito que a demanda maior é a da família e sociedade em geral não pensar a escola como um ambiente assistencialista, e sim de aprendizagens, ensino e desenvolvimento em qual o cuidar e o educar são indissociáveis. Outra demanda é que Educação Infantil não é preparatória para outras etapas, que possuem suas especificidades. (COORDENADOR PEDAGÓGICO 4, Educação Infantil, 2019).

Esta ideia vai ao encontro do que se encontra afirmado por Kramer (1988) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). A escola de Educação Infantil apresenta caráter pedagógico; entretanto, esta sua função não deve ser pensada como uma forma de preparar a criança para as próximas etapas. Esta preparação pode, de fato, ocorrer, porém este não deve ser o objetivo principal. A criança poderá sair preparada para os níveis seguintes como consequência de planejamentos e práticas sistemáticas, mas o principal objetivo da educação infantil deve estar nela própria, visando ao significado e sentido para a criança naquele momento.

Os profissionais da rede mencionam ainda que é necessário criar formas de aproximação entre as instituições para que a relação aconteça, porém podemos perceber uma limitação em pensar para além das reuniões de pais.

Essa relação escola-família é de extrema importância na educação infantil, porém tenho observado uma dificuldade imensa de ambas compreenderem a dimensão dessa parceria. A escola (como grupo) deve pensar em alternativas para trazer essa família, como reuniões, etc. (COORDENADOR PEDAGÓGICO 5, Educação Infantil, 2019). Faz um tempo que não analiso esta dinâmica de perto, porém sinto que temos muito a caminhar para de fato estabelecer uma relação família-escola que vá além de reunião de pais ou festas. Lembro como é difícil colocar os pais para atuarem na escola, um bom exemplo são os Conselhos, são poucos que querem participar. (FORMADOR 2, Educação Infantil, 2019).

As festas e reuniões de pais são estratégias comumente utilizadas para trazer os pais para dentro do ambiente institucionalizado; entretanto, é preciso refletir acerca de como se dá essa abordagem e a relação quando os pais estão na escola. Estas ocasiões buscam ter os pais como participantes ou apenas como plateia?

Segundo Cordeiro (2018), muitas vezes os pais estão presentes nas festas escolares apenas como plateia, e nas reuniões acontece a entrega de notas e avisos, sem que haja interação entre os pais e os professores. A autora explica que isso pode se transformar em uma barreira para a relação com a escola, posto que os pais se sentem inibidos ao não conseguir o diálogo ou interação desejada com os profissionais.

A resposta de um dos educadores-formadores corrobora esta ideia de que a forma pela qual se acolhe a família influencia muito o estabelecimento da relação entre as duas instituições:

Enquanto atuava no chão da escola, a relação escola-família sempre foi correspondida. É claro que eventuais problemas de difíceis resoluções ocorreram, mas com diálogos e persistências esses possíveis casos foram solucionados a curto ou médio tempo. Tudo depende de como a escola acolhe a família para que esta faça “parte” da equipe. (FORMADOR 3, Educação Infantil, 2019).

Com base nisto, percebemos o quanto é importante que os professores e os demais funcionários da escola se disponham aos pais com uma relação de igualdade, compreendendo suas realidades, para que, então, sintam-se à vontade e queiram participar com mais assiduidade da vida escolar dos filhos.

Em Perez (2012, p. 16), temos reflexões acerca desta diferenciação da relação escola-família relacionadas aos objetivos formativos do educando e a emergência de compreensão destas demandas pelos educadores de ambas as instituições:

Sob essa ótica, no que tange às expectativas na Educação Infantil, ao deixar os filhos na escola, a família almeja que eles sejam observados, estimulados, acompanhados, avaliados, além de confiar os cuidados com alimentação, higiene, repouso e até mesmo cuidados referentes à saúde física e emocional. No Ensino Fundamental verifica-se uma tensão maior entre família e escola em relação ao desempenho escolar; fato esse comprovado nas constantes transferências de responsabilidades entre as instituições, numa dinâmica de culpabilização pelos resultados escolares e pelo pouco enfrentamento das instituições em estabelecer diálogos e princípios já previstos no projeto político-pedagógico das instituições escolares. Então, poderíamos pensar em melhoria na relação família-escola, refletindo sobre a necessidade de a escola conhecer melhor a realidade de seus alunos e o que as famílias desejam para seus filhos. Mais do que isso, seria importante a escola adquirir meios de estabelecer comunicação mais eficiente e equilibrada com as famílias, no sentido de discutirem dificuldades presentes na educação das crianças, buscando, de forma coletiva, encontrar estratégias adequadas para enfrentamento e incentivo à escolarização, pautadas em uma relação família-escola que considere a diversidade de características inerentes a cada instituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados nos apresenta que é necessário que a escola estabeleça, primeiramente, para a melhoria da relação entre escola e família, a prática de conversar com as famílias, informando sobre as atividades realizadas e os objetivos da instituição. Além disso, é preciso que se aproximem para conhecer a realidade das famílias e assim saber o que podem esperar delas, da mesma forma que é necessário que a família tenha esclarecimento das funções da escola para que não exija destas coisas que não são de sua responsabilidade.

Corroborando os resultados deste estudo, temos a pesquisa de Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 107) destacando que,

Em virtude desta marca no entrelaçamento entre a família e a escola, as posturas relacionadas a esta relação caracterizam-se por ser defensivas e acusativas, como se cada um buscasse se justificar e encontrar razões para a desarmonia que caracteriza tal relação. Diante disso, um importante desafio surge para os pesquisadores, estudiosos e profissionais da educação: o de modificar a relação família-escola no sentido de que ela possa ser associada a eventos positivos e agradáveis e que, efetivamente, contribua com os processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento.

É necessário ainda que a escola reflita sobre as formas de aproximação da família que tem adotado. A proximidade por meio de reuniões e festas, na maioria das vezes, coloca os responsáveis pela criança apenas como meros espectadores, de forma que a participação ativa não acontece. Isto devido ao fato de não se sentirem à vontade, porque a instituição não está proporcionando um ambiente adequado para tanto.

Este estudo, no contexto de uma pesquisa-ação mais ampla desenvolvida pelo GEPIFE, defende os processos dialógicos de “escuta” e ações formativas colaborativas. Para corroborar este posicionamento, temos a seguinte argumentação de Vaillant e Marcelo (2012, p. 95):

A existência de um ambiente e uma cultura de colaboração entre futuros professores, professores formadores da universidade e da escola, por meio de projetos e práticas de ensino planejadas conjuntamente, é uma característica do modelo de ressonância colaborativa, ou seja, de uma relação entre universidade e escola que “frente à hegemonia, propõe a colaboração; frente ao aprendizado individual, o aprender juntos”. As escolas e as instituições de formação convertem-se em lugares onde se indaga, de forma sistemática e crítica, sobre o ensino, o aprendizado e a escola como organização.

Podemos concluir com dois expressivos resultados: a) o estudo evidencia que, para que o desenvolvimento da criança ocorra, não só a relação escola-família deve melhorar, mas também a relação entre os níveis de ensino, a fim de que todos juntos possam pensar em novas formas de agir pedagogicamente em prol da educação das crianças; b) os educadores à frente da coordenação pedagógica e dos processos de formação continuada precisam subsidiar a comunidade escolar com conhecimento, reflexões e possibilidades de enfrentamentos para a proposição de ações pedagógicas pautadas no desenvolvimento infantil, nos processos de aprendizagem e de ensino, evitando ações que reproduzam ou reforcem estereótipos e o confronto com a instituição familiar.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 3 jul. 2021.

- CORDEIRO, F. O. *A função social da escola: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4041>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- GOMES, J. V. Relações família e escola: continuidade/descontinuidade no processo educativo. *Ideias*, São Paulo, n. 16, p. 84-92, 1993. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/coe_a.php?t=004. Acesso em: 3 jul. 2021.
- GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n 91, p. 23-30, nov. 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/876>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- KISSMANN, L. *Relação família e escola na educação infantil: implicações e construções nos processos educacionais*. 2014. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Tio Hugo, RS, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12012>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. 2. ed. Brasília: MEC/SEB, 2007, p. 13-23.
- KRAMER, S.; ABRAMOVAY, M. O rei está nu: um debate sobre as funções da pré-escola. In: SOUZA, S. J.; KRAMER, S. *Educação ou tutela?: a criança de 0 a 6 anos*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 21-33.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAUJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2010. DOI: 10.1590/S0103-166X2010000100012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 jul. 2021.
- PARO, Vitor Henrique. *Qualidade do ensino: a contribuição dos pais*. São Paulo: Xamã, 2000.
- PEREZ, M. C. A. Família e escola na contemporaneidade: fenômeno social. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 4, n. 3, p. 1-16, 2009.
- PEREZ, M. C. A. Família-escola: discutindo finalidades, rupturas e desafios no processo educativo. In: CAPELLINI, V. L. M. F. (org.). *Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental*. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. p. 1-28.
- PEREZ, M. C. A. Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 11-25, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/684>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- PEREZ, M. C. A. *Infância, família e escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares*. São Carlos: Suprema, 2007.

SOUZA, C.; PEREZ, M. C. A. Análise das percepções de educadoras da educação infantil (0 a 5 anos) acerca da relação escola-família. *Cadernos da Pedagogia*, São Carlos, v. 13, n. 26, p. 75-90, out./dez. 2019. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1248>. Acesso em: 3 jul. 2021.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R. Visões de professores sobre seus alunos: um estudo na área da educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001. *Anais [...]*. 2001. p. 1-16.

TARDIF, M. O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise. In: TARDIF, M.; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 15-54.

VAILLANT, D.; MARCELO, C. M. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. Curitiba: UTFPR, 2012.

Recebido em: 15 jun. 2020

Aceito em: 13 maio 2021